

A INTERDISCURSIVIDADE E SUBJETIVAÇÃO NAS PROPOSTAS DE REDAÇÃO DO ENEM

Magna Leite CARVALHO¹

Resumo: O presente estudo objetivou identificar as formas de interdiscurso e subjetivação na proposta de Redação do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) de 2001. Os enunciados produzidos nas temáticas apresentam interdiscursividade e intertextualidade e são situações concretas da subjetivação resultante do meio social, histórico e político. O aluno é limitado em sua criatividade, pois os textos bases estão inseridos em uma ideologia. Nesse sentido o estudante torna-se, conseqüentemente, um reprodutor de discursos, uma vez que a linha de raciocínio aplicada na prova o direciona para tal.

Palavras-chave: Interdiscursividade. Intertextualidade. Subjetivação. Discurso.

Introdução

Neste trabalho, é feita uma análise de uma proposta de redação do Enem e, portanto, uma das metas desta análise é contribuir para a compreensão sobre como se dá a intertextualidade e interdiscursividade presentes nessa proposta. A análise foi feita somente em uma proposta, no entanto, é notório que o estudo foi significativo para a comprovação de que as outras propostas também perpassam os mesmos critérios analisados, uma vez que, conforme se observou, a estrutura das provas tem se mostrado recorrente nos treze anos de aplicação do processo. Para fazer isso, a análise se baseia em estudos que discutem a intertextualidade e o interdiscurso pertencentes a um texto. A proposta de redação do Enem apresenta em sua composição linguagem verbal e não verbal e possui um assunto que é delimitado por um tema, o qual o aluno obrigatoriamente terá que desenvolver.

Esta proposta de pesquisa tem como dados textos, que servirão como objetos a serem analisados, portanto é de natureza qualitativa. Para Bauer e Gaskell (2004) o ideal, nesse caso, é falar em “seleção” e não em “amostragem”, pois esta sugere a amostra estatística. A proposta é realizar um recorte seletivo das provas do Enem, separando somente uma prova, no caso a do ano de 2001, que contém a proposta de Redação analisada.

¹ Mestranda em Letras. Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR. Três Corações MG – Brasil
magnaleite30@gmail.com

Em relação ao método, a pertinência está no uso da metodologia bibliográfica para que se possa demarcar o campo teórico do trabalho.

As análises dos textos foram mediadas pelas ideias que se justificam na fala de Puglisi e Franco: “Na análise de conteúdo o ponto de partida é a mensagem, mas devem ser consideradas as condições contextuais de seus produtores e assenta-se na concepção crítica e dinâmica da linguagem.” (Puglisi; Franco, 2005, p.13). Devem ser consideradas, não apenas a semântica da língua, mas também a interpretação do sentido que um indivíduo atribui às mensagens.

Uma das principais propostas da metodologia apresentada é conseguir mostrar como os enunciados na proposta de redação do Enem adquirem uma estrutura e uma composição bem peculiares no espaço enunciativo que envolve a heterogeneidade concretizada pelo intertexto e pelo interdiscurso e, assim, se articulam na produção de enunciados mais gerais, constituindo-se como elos na cadeia de comunicação; produzindo sentido e subjetivando os sujeitos, levando-os a reproduzir discursos cujas ideologias estão sempre presentes. Afinal,

A época, o meio social, o micromundo – o da família, dos amigos e conhecidos, dos colegas – que vê o homem crescer e viver, sempre possui seus enunciados que servem de norma, dão o tom; são obras científicas, literárias, ideológicas, nas quais as pessoas se apoiam e às quais se referem, que são citadas, imitadas, servem de inspiração. Toda época, em cada uma das esferas da vida e da realidade, tem tradições acatadas que se expressam e se preservam sob o invólucro das palavras, das obras, dos enunciados, das locuções, etc. Há sempre certo número de ideias diretrizes que emanam dos “luminares” da época, certo número de objetivos que se perseguem, certo número de palavras de ordem, etc. (BAKHTIN, 2000).

Quanto ao referencial teórico, o trabalho permeou os conceitos de interdiscursividade, intertextualidade, subjetivação, identidade, ideologia e discurso e usou a Análise do Discurso de linha Francesa (AD) como embasamento. No entanto, optou-se, antes da conceituação, por uma breve contextualização sobre o Enem e, em seguida, a análise do *corpus*. Assim, o artigo segue com a seguinte divisão: Sobre o Enem, Intertextualidade e Interdiscursividade, A subjetivação, Identidade, ideologia e discurso, A proposta de redação, Considerações finais.

Sobre o Enem

O Enem – Exame Nacional do Ensino Médio - foi criado pelo Ministério da Educação (MEC) em 1998 e surgiu como uma forma de avaliação do desempenho dos estudantes de escolas públicas e particulares. Com o tempo ganhou relevância e hoje pode ser considerado o maior exame de seleção para o ensino superior no Brasil.

Desde que surgiu, há mais de 10 anos, tem sido aprimorado e consolidado. Os fundamentos para a estruturação do Enem partiram da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, que introduziu conceitos e organizações básicas para o sistema educacional brasileiro. O Ensino Médio (etapa conclusiva da educação básica) ganhou, portanto, uma nova identidade: preparar o aluno para prosseguir seus estudos, ser inserido no mundo do trabalho e participar de forma plena da sociedade (cf. art. 35, incisos I a V). No entanto, a análise que se apresenta neste trabalho vai além desse contexto. Pretende-se refletir especialmente sobre as propostas de redação, que revelam interdiscursividade e intertextualidade em sua estruturação.

Intertextualidade e Interdiscurso

Os enunciados representam subjetivação de sujeito, estabelecem a formação discursiva e cristalizam ideologias inseridas no meio social que se revelam na própria composição das propostas e conseqüentemente estendem-se aos leitores dos textos que farão as redações. Conseqüentemente o aluno não constrói o texto, ele, segundo Pêcheux, remete a outros dizeres, é sempre perpassado por outros discursos. E isso, provavelmente o sujeito – aluno – não percebe. Quando se fala em subjetividade,

podemos então observar os sentidos possíveis que estão em jogo em uma posição-sujeito dada. Isso porque, como sabemos, o sujeito, na análise do discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso. Essa projeção-material transforma a situação social (empírica) em posição-sujeito (discursiva). Vale lembrar que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da língua com a história, em que entram o imaginário e a ideologia. Se, na Psicanálise temos a afirmação de que o inconsciente é estruturado como linguagem, na Análise de Discurso considera-se que o discurso materializa a ideologia, constituindo-se no lugar teórico em que se pode observar a relação da língua com a ideologia. (ORLANDI, 2001, p. 99).

Segundo Authier (1990), o discurso é produto do interdiscurso, é um funcionamento regulado do exterior, para dar conta da produção de discurso, maquinaria estrutural ignorada pelo sujeito que, na ilusão, se crê fonte deste seu discurso, quando ele nada mais é do que o suporte e o efeito.

Nessa perspectiva teórica é possível, ao analisar os temas propostos nas Redações do Enem, notar que os textos selecionados para compor as propostas trazem outras vozes, são reflexos de outros dizeres e que assim, refletem ideologias vigentes, informações implícitas e explícitas, mas reveladoras de posicionamentos e formas de apresentar uma temática. Desse modo, ao fazer a análise, conseguimos entender como os sujeitos são instituídos. Authier (1990) diz que

Sempre sob as palavras, “outras palavras” são ditas: é a estruturação material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar indícios da “pontuação do inconsciente”.

Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estruturação complexa, efeito da linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado... pouco importa a palavra...

Assim, o sujeito é, pois, instituído por outros sujeitos. Dessa forma, o objetivo aqui é analisar uma proposta de Redação do Enem para que se concretize a hipótese sobre interdiscursividade e intertextualidade presentes nos enunciados que, por sua vez, podem representar formações discursivas construídas ao longo desses 13 anos de provas no Brasil. E que nos leva a crer nos sujeitos como resultados de outros sujeitos, uma complexidade de outras vozes que o perpassam, sem que ele mesmo o saiba.

A intertextualidade, segundo Fiorin (2006), é

Qualquer referência ao Outro, tomado como posição discursiva: paródias, alusões, estilizações, citações, ressonâncias, repetições, reproduções de modelos, de situações narrativas, de personagens, variantes linguísticas, lugares comuns, etc. (FIORIN, 2006, p. 3-4).

O autor amplia ainda mais o conceito quando afirma que “todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis. A intertextualidade é a maneira real de construção do texto.”

A subjetivação

Para compreender melhor a subjetivação, Orlandi (2001), baseada nos trabalhos de Foucault, evidencia que há um duplo movimento na compreensão da subjetividade. No primeiro momento há a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia. Essa forma de assujeitamento que, em qualquer época, mesmo que modulada de maneiras diferentes, é o passo para que o indivíduo, afetado pelo simbólico, na história, seja sujeito, se subjetive. Outro processo envolve a relação do sujeito com o mundo, em termos sociais e políticos. Nesse sentido o estabelecimento e o deslocamento do estatuto do sujeito correspondem ao estabelecimento e ao deslocamento das formas de individualização do sujeito em relação ao Estado.

Em um novo movimento em relação aos processos identitários e de subjetivação, é agora o Estado, com suas instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde, que individualiza a forma sujeito histórica, produzindo diferentes efeitos nos processos de identificação, leia-se de individualização do sujeito na produção de sentidos. Portanto, o indivíduo, nesse passo, não é unidade de origem, mas o resultado de um processo, um constructo, referido pelo Estado. (ORLANDI, 2001, p. 106).

Quando se discorre que as produções de textos decorrentes dos temas provindos das Redações do Enem podem ser uma reprodução de outros discursos e gerar reprodução desses discursos, é possível retomar Pêcheux. Sabe-se que, segundo ele, o sujeito caracteriza-se por dois esquecimentos: no esquecimento um, o sujeito tem a ilusão de que é o criador absoluto do seu discurso, a origem do sentido, apagando tudo que remeta ao exterior de sua formação discursiva; no esquecimento dois, o sujeito tem a ilusão de que tudo que ele diz tem apenas um significado que será captado pelo seu interlocutor. Há o esquecimento de que o discurso caracteriza-se pela retomada do já dito, tendo o sujeito a ilusão de que sabe e controla tudo o que diz (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p.168-9).

A estruturação dos enunciados das propostas de Redação e conseqüentemente os textos produzidos pelos alunos que fazem a prova do Enem revelam mais do que se pode imaginar sobre suas identidades, mas tanto os enunciados quanto os textos não deixam de estar atrelados a ideologias que perpassam por eles.

Para Schiffrin (2008), a nossa fala, e no caso aqui específico, nossos textos e produções, expressam mais do que comentários e opiniões, expressam nossa formação enquanto membros de uma sociedade complexa, em que as identidades de um “eu” e de um “outro” são interdependentes, muitas vezes indissociáveis.

É através da fala que vivemos, construímos e mantemos nossos relacionamentos, e definimos quem somos. E o ato de definir quem somos é também o ato de nos identificar com algo, ou seja, de construir uma identidade. Logo, nota-se que a identidade é sempre construída, e, a cada dia, novos elementos podem ser adicionados a determinadas identidades nossas, uma vez que não possuímos uma única identidade, mas várias. (SCHIFFRIN, 2008, p. 111).

Indursky (2003) diz que um discurso não existe de forma isolada, ele estabelece relações com outros discursos, no interior de domínios de saber, ou seja, das Formações Discursivas (FD). Segundo Foucault (1972), uma FD se estabelece a partir de determinadas regularidades que definem as condições de existência, coexistência, transformação e desaparecimento de certos enunciados discursivos. Pêcheux (1975), por sua vez, afirma que o dizer de um sujeito inscreve-se, sempre, por identificação, em alguma Formação Discursiva que autoriza certos discursos e impede outros. Ou seja, o sujeito, ao produzir seu discurso, o faz afetado pela ideologia e pelo inconsciente e, por conseguinte, seu dizer inscreve-se, sem que ele perceba, em uma Formação Discursiva determinada, de onde não só se retiram os elementos de saber que se organizam no interior de seu discurso, como também e, sobretudo, ele se significa ao significar ou re-significar seu discurso.

Identidade, ideologia e discurso

Benwell e Stokoe (2006) fazem uma análise discursiva de identidade como um conjunto histórico de estruturas com poder regulador e retomam Althusser (1971) ao acrescentar sua teoria sobre como as pessoas aceitam e até internalizam as relações sociais existentes e suas normas. Segundo esses autores, a interpelação descreve como o sujeito vem a ser produzido no discurso. Também citam que, assim como Althusser, Gramsci (1971) viu o poder localizado não só nas instituições repressivas como a polícia e o exército, mas também na indústria cultural burguesa, como as artes, a mídia e a educação. A hegemonia, como prática do poder, opera largamente através do discurso. E esse discurso é introduzido muitas

vezes de maneira sutil, sem que se perceba ou se possa constá-lo e muitas vezes leva o outro até mesmo a reproduzi-lo. Como é o caso mencionado neste trabalho. Isso ocorre porque “...os sujeitos dão o seu consentimento para certas formações de poder porque o grupo da cultura dominante gera um discurso que os convence da verdade.” (GRAMSCI 1971).

Ainda no mesmo trabalho, Benwell e Stokoe (2006) acrescentam que, para Hall (2000) a identidade é o encontro entre o discurso e as práticas que interpelam o sujeito e os processos de produção da subjetividade, que nos constroem como sujeitos.

A proposta de Redação

Uma vez que a proposta neste estudo é identificar nas provas de Redação do Enem a interdiscursividade e intertextualidade presentes implícita ou explicitamente e como, através dos discursos, os sujeitos são interpelados e subjetivados pela ideologia vigente, façamos uma rápida análise de uma das propostas de Redação do Enem, no caso, a do ano de 2001. Para que se torne mais claro como funciona o processo do Enem no quesito Redação, foram extraídas algumas informações do Guia 2012 que se seguem:

A prova de redação exigirá de você a produção de um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política. Os aspectos a serem avaliados relacionam-se às “competências” que você deve ter desenvolvido durante os anos de escolaridade. Nessa redação, você deverá defender uma **tese**, uma opinião a respeito do **tema** proposto, apoiada em **argumentos** consistentes estruturados de forma coerente e coesa, de modo a formar uma unidade textual. Seu texto deverá ser redigido de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa e, finalmente, apresentar uma **proposta de intervenção social** que respeite os direitos humanos.

O tema da redação de 2001 foi relacionado a desenvolvimento e preservação ambiental e trazia como destaque a seguinte chamada: “Desenvolvimento e preservação ambiental: como conciliar os interesses em conflito?”. Para que a análise tenha mais condições didáticas de entendimento, segue a proposta na íntegra, e em seguida, a análise.

Enem 2001

REDAÇÃO



(Coulas, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1978)

Conter a destruição das florestas se tornou uma prioridade mundial, e não apenas um problema brasileiro. (...) Restam hoje, em todo o planeta, apenas 22% da cobertura florestal original. A Europa Ocidental perdeu 99,7% de suas florestas primárias; a Ásia, 94%; a África, 92%; a Oceania, 78%; a América do Norte, 66%; e a América do Sul, 54%. Cerca de 45% das florestas tropicais, que cobriam originalmente 14 milhões de km quadrados (1,4 bilhão de hectares), desapareceram nas últimas décadas. No caso da Amazônia Brasileira, o desmatamento da região, que até 1970 era de apenas 1%, saltou para quase 15% em 1999. Uma área do tamanho da França desmatada em apenas 30 anos. Chega.

Paulo Adônio, Coordenador da Campanha de Amazônia do Greenpeace.
<http://greenpeace.org.br>

Embora os países do Hemisfério Norte possuam apenas um quinto da população do planeta, eles detêm quatro quintos dos rendimentos mundiais e consomem 70% da energia, 75% dos metais e 85% da produção de madeira mundial. (...)

Conta-se que Mahatma Gandhi, ao ser perguntado se, depois da independência, a Índia perseguiria o estilo de vida britânico, teria respondido: "(...) a Grã-Bretanha precisou de metade dos recursos do planeta para alcançar sua prosperidade; quantos planetas não seriam necessários para que um país como a Índia alcançasse o mesmo patamar?"

A sabedoria de Gandhi indicava que os modelos de desenvolvimento precisam mudar.



O planeta é um problema pessoal - De desenvolvimento sustentável, www.wwf.org.br

De uma coisa temos certeza: a terra não pertence ao homem branco; o homem branco é que pertence à terra. Disso temos certeza. Todas as coisas estão relacionadas como o sangue que une uma família. Tudo está associado.

O que fere a terra, fere também os filhos da terra. O homem não tece a teia da vida; é antes um de seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.

Trecho de uma das várias versões de carta atribuída ao chefe Seattle, da tribo Suquamish. A carta teria sido endereçada ao presidente norte-americano, Franklin Pierce, em 1854, a propósito de uma oferta de compra do território da tribo feita pelo governo dos Estados Unidos.

FINSKY, Jaime e outros (Org.). *América através de textos*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.

Estou indignado com a frase do presidente dos Estados Unidos, George Bush.

"Somos os maiores poluidores do mundo, mas se for preciso poluiremos mais para evitar uma recessão na economia americana".

R. K. Ovinhos, SP. (Carta enviado à seção *Cartão da Revista Galileu*, Ano 10, junho de 2001).

Com base na leitura dos quadrinhos e dos textos, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema: **Desenvolvimento e preservação ambiental: como conciliar os interesses em conflito?**

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender o seu ponto de vista, elaborando propostas para a solução do problema discutido em seu texto. Suas propostas devem demonstrar respeito aos direitos humanos.

Observações:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narrativa.
- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.
- A redação deverá ser apresentada a tinta e desenvolvida na folha própria.
- O rascunho poderá ser feito na última página deste Caderno.

Ainda por questões didáticas, os textos que compõem a proposta são analisados separadamente e nomeados da seguinte forma: primeiro texto: história em quadrinhos retirada do Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1978; segundo texto: Paulo Adário, coordenador da Campanha da Amazônia do Greenpeace; terceiro texto: O planeta é um problema pessoal. Desenvolvimento sustentável; quarto texto: História da Américas através de textos; quinto texto: Revista Galileu. Ano 10, junho de 2001.

O primeiro texto da proposta é um quadrinho, portanto, é sincrético, pois mescla linguagem verbal e não verbal. O personagem da história, nesse caso um sabiá, faz uma alusão ao texto de Gonçalves Dias *Canção do Exílio* até o 5º quadrinho, e em seguida, surpreende o leitor ao proclamar que ele é o sabiá do poema de Gonçalves Dias. No entanto, a palmeira, também citada por ele, já não existe mais. É possível confirmar isso tanto pela linguagem não verbal – a imagem de uma palmeira cortada e somente um pedaço de toco no lugar do tronco – quanto pela linguagem verbal – o uso do pretérito imperfeito do indicativo para o verbo *ser/era*. Observe:

“O sabiá sou eu.” “Essa era a palmeira.”

Além disso, essa fala do personagem deixa a ideia implícita sobre a devastação ambiental, justamente pelo uso do pretérito. Como incorpora vozes no enunciado – a do sabiá que se utiliza do poema para confrontar as realidades passada e atual – é possível dizer, também, que existe uma forma de paródia nesses quadrinhos. A união visual com o verbal construiu o sentido desse texto, produzindo o seguinte efeito: primeiro o de sensações boas, natureza perfeita e bem cuidada, e em seguida, esse “prêmio” torna-se ameaça e intimidação (sensações ruins) e essa intimidação leva o leitor a fazer algo, mesmo que seja uma reflexão. O autor apropria-se de outro texto para criar o seu – intertextualidade - e deixa para o leitor a analogia com o passado – na época do descobrimento o meio ambiente era perfeito e hoje não. O outro se apresenta de forma explícita já no primeiro quadrinho quando diz: *“Gonçalves Dias”*. O texto que se segue é a transcrição de trechos do poema e mostra o retrato de um Brasil perfeito. Em seguida, há a ruptura e é justamente ela, de forma mais implícita, que apresenta o discurso oposto, ou a visão da natureza devastada, destruída. Aqui há o discurso do passado de natureza perfeita e o presente de natureza devastada.

O segundo texto da prova, apresenta dados estatísticos e dessa forma mostra-se mais objetivo. Apesar de fazer uso do imperativo no final do texto – *chega -*, a predominância são os dados, o que denota um caráter científico ao texto. A ideia, no entanto, é argumentar em relação ao desmatamento exagerado e infundado. Koch (2000) diz que a interação social por meio da língua se dá pela argumentação e que através do discurso o homem tenta influir sobre o comportamento do outro e, conseqüentemente, atrás de todo e qualquer discurso há uma ideologia. A persuasão do texto já se mostra no início:

“Conter a destruição das florestas se tornou uma prioridade mundial, e não apenas um problema brasileiro (...).”

O aluno aqui é influenciado a pensar na grandiosidade do problema, pois não só o Brasil, mas o mundo todo vê a situação como prioridade. Em seguida, objetivamente e como estratégia argumentativa, o texto traz dados estatísticos que reforçam a situação crítica de devastação. No início, os dados são do outro lado do mundo e gradativamente se aproximam do Brasil, até chegar na Amazônia, especificamente:

“... A Europa Ocidental perdeu 99.7% de suas florestas primárias; A Ásia, 94%; A África, 92%; A Oceania, 78%; A América do Norte, 66%; e a América do Sul, 54%.”...

Ao observarmos os dados, notamos que em um cenário comparativo, a América do Sul está em vantagem (54%) em relação ao resto do mundo no quesito desmatamento, assim, o dado seguinte sobre a Amazônia Brasileira, é primordial para que o aluno não veja nada de positivo nessa situação:

“... No caso da Amazônia Brasileira, o desmatamento da região, que até 1970 era de apenas 1%, saltou para quase 15% em 1999. Uma área do tamanho da França desmatada em apenas 30 anos.”...

Até o fato da própria objetividade, como no caso, os dados estatísticos e o uso da 3ª pessoa do singular, contém um discurso. Nota-se, ainda, que quem escreve o segundo texto é Paulo Adário, coordenador da Campanha da Amazônia do Greenpeace, o que, por si só, representa o discurso do não desmatamento.

A interdiscursividade também está presente no terceiro texto. Quando se traz a fala de Gandhi para os textos que comporão a proposta de redação, já se apresenta um modelo de pensamento e uma ideologia que os dados também estatísticos mostrados no primeiro parágrafo não conseguem abafar:

“(...) a Grã-Bretanha precisou de metade dos recursos do planeta para alcançar sua prosperidade: quantos planetas não seriam necessários para que um país como a Índia alcançasse o mesmo patamar?”

Fiorin (2006), ao retomar Bakhtin, postula que há duas formas básicas de incorporar vozes no enunciado e uma delas é aquela em que o discurso do outro é abertamente citado e nitidamente separado, como ocorre no trecho acima. Esse recurso também será utilizado nos dois últimos textos. Um exemplo é o penúltimo, quando explicita o seguinte trecho de uma das várias versões de carta atribuída ao chefe Sauttle, da tribo Suquamish:

“De uma coisa temos certeza: a terra não pertence ao homem branco; o homem branco é que pertence à terra. Disso temos certeza. Todas as coisas estão relacionadas como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado.

O que fere a terra, fere também os filhos da terra. O homem não tece a teia da vida; é antes um de seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.”

Outro exemplo ocorre no último texto, quando o recurso se concretiza no discurso direto posto na fala de George Bush:

“Somos os maiores poluidores do mundo, mas se for preciso poluiremos mais para evitar uma recessão na economia americana.”

Essa maneira direta de incorporar discursos traz duas interpretações: a primeira de que de fato a fala é do outro e segunda é a de veracidade de informações e isenção de qualquer culpa, afinal, quem disse foi o outro.

Outra análise pertinente em relação ao trecho de carta do chefe indígena é a associação ao termo **homem branco**. O adjetivo remete-nos a quem é o devastador da natureza. Esse texto organiza-se, segundo a teoria de Discini (2005) sob um ponto de vista, que articula o mundo entre o bem e o mal. O indígena representa a figura eufórica - valores positivos,

consoante com os julgamentos morais da proposta - e o homem branco representa a figura disfórica - valores negativos, discordante com os julgamentos morais da proposta.

É possível, por fim, analisar os trechos com discurso direto de forma comparativa para comprovar o discurso do bem e do mal. Observemos o discurso do bem nos trechos referentes às falas do indígena e de Gandhi, respectivamente:

“De uma coisa temos certeza: a terra não pertence ao homem branco; o homem branco é que pertence à terra. Disso temos certeza. Todas as coisas estão relacionadas como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado.

O que fere a terra, fere também os filhos da terra. O homem não tece a teia da vida; é antes um de seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.”

“(...) a Grã-Bretanha precisou de metade dos recursos do planeta para alcançar sua prosperidade: quantos planetas não seriam necessários para que um país como a Índia alcançasse o mesmo patamar?”

Já o próximo trecho é a própria encarnação do mal, vinda do discurso de George Bush:

“Somos os maiores poluidores do mundo, mas se for preciso poluiremos mais para evitar uma recessão na economia americana.”

O quinto texto reproduz em discurso direto, como já mencionado, uma fala do governo dos EUA – George Bush – cujo posicionamento diante das decisões políticas, econômicas, sociais, ambientais, etc, sempre geraram polêmicas discussões. Segundo Discini (2005), assumir um ponto de vista é dar uma resposta ao outro, que é sempre polêmica, pois fundada em diferenças. Se não houver diferença entre os pontos de vista, não é possível definir nem um pronunciamento sobre o mundo, nem um lugar a ser ocupado no mundo. Se analisarmos com essa perspectiva, o quinto texto é um confronto de vozes: de um lado a voz daquele que está indignado: *“Estou indignado com a frase do presidente dos Estados Unidos George Bush”* (R.K. Ourinhos, SP.), e do outro a voz de George Bush. Quando a fala do atual presidente do EUA é posta com o uso do discurso direto, o distanciamento entre as vozes internas do texto é ainda maior. E, se ampliarmos um pouco a análise, entenderemos que há ainda a terceira voz – do leitor, que pode comungar com um ou outro posicionamento – ou ainda ter um terceiro modo de ver a situação.

Os cinco textos trouxeram a visão da devastação, mas não abordaram estratégias de uso sustentável dos recursos naturais. O leitor da proposta automaticamente é condicionado a visualizar uma natureza devastada, destruída e que não poderia ser tocada. As políticas sustentáveis ou exemplos de países cujo processo de destruição não ocorre ou foi minimizado em detrimento ao desenvolvimento econômico não são expostos. E para completar o direcionamento da proposta, o tema afirma que há interesses em conflito e aborda o leitor com uma pergunta direta: como conciliar esses interesses?

*Com base na leitura dos quadrinhos e dos textos, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema: **Desenvolvimento e preservação ambiental: como conciliar os interesses em conflito?***

As instruções da prova pedem ainda uma intervenção: o aluno precisa elaborar propostas para a solução do problema, portanto, não há como contestar que ele existe. Vejamos:

“...Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender o seu ponto de vista, elaborando propostas para a solução do problema (grifo meu) discutido em seu texto.”

Todo problema remete a um culpado, e pelo excerto, eles são o homem branco e os países ricos – os países do Hemisfério Norte; Estados Unidos – enquanto os outros grupos seriam as possíveis vítimas.

Quando analisamos a proposta dentro da perspectiva contextual, notamos o discurso vigente e isso insere o sujeito que lê a proposta dentro desse parâmetro, sem, muitas vezes, que isso seja percebido ou feito de forma consciente. O outro está inserido no texto e intervém nas práticas discursivas. O aluno que produz a redação, baseado não somente nessa coletânea, mas em todos os outros discursos que já o perpassaram é, portanto, resultado de uma subjetivação. O sujeito tem a ilusão de que suas escolhas são conscientes, no entanto, ele está submetido às condições do meio social, familiar, cultural, etc, em que está inserido e o outro está constantemente incorporado no seu discurso.

Consequentemente não há textos que não sejam heterogêneos e os que compõem a proposta de Redação do Enem 2001 também dão indícios dessa heterogeneidade. É possível, apoiar-se em Althier-Revuz (1990) para se chegar a conclusão de que

(...) todo sujeito e seu discurso são constitutivamente heterogêneos. Eis no que consiste a heterogeneidade constitutiva: não há discurso, nem sujeitos que não sejam heterogêneos.

Palavras, obras, enunciados refletem as tradições de cada época, de cada esfera da vida e da realidade. A experiência verbal – discurso – individual do homem toma forma e evolui na interação com os enunciados individuais do outro. A expressão das palavras dos outros é assimilada, reestruturada, modificada pelo outro. Como elos na cadeia de comunicação verbal, os enunciados conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente, são reações-respostas a outros enunciados numa dada esfera da comunicação verbal. Essa expressividade, embora varie de intensidade em função das diversas esferas de comunicação, está presente em todos os gêneros, pois um enunciado totalmente neutro é impossível.

Considerações finais

As provas de Redação do Enem constituem um campo amplo de análise, além das produções dos alunos. As provas tornaram-se o maior exame seletivo para ingresso no ensino superior do país e como mencionado, fruto de um discurso vigente e que se aprimora com o passar do tempo. Uma vez que, de acordo com Benwell (2006), o conceito de identidade é um produto das suas condições históricas, formulado e reformulado em diferentes estratégias de acordo com o período ou movimento no qual ele surgiu e da preocupação de seus teóricos, é possível, por essa breve análise, identificar a ideologia que molda as identidades em determinada época e contexto. A interdiscursividade presente nos textos das coletâneas da proposta e o próprio tema exercem uma possível manipulação dos leitores, que, direcionados, possuem uma tendência à reprodução dos discursos veiculados em determinada época. O que se pretendeu através desse estudo foi mostrar que existe intertextualidade e interdiscursividade nos textos de coletânea da proposta de Redação do Enem e que esse processo está atrelado às condições do meio. Assim, não há como a produção das redações ser imparcial e o estudante não ser subjetivado. Há a ilusão do saber do que se fala, mas, segundo Pêcheux, isso corresponde a negar o ato de interpretação no próprio momento em que ele aparece.

Agradecimentos:

À equipe de professores da Unincor, que pacientemente nos orienta, motiva e apoia. A Carlos, pelo imensurável amor e pela eterna compreensão, a meus pais e irmãos e evidentemente a Deus, que traça meus caminhos, mesmo que eu, pretensiosamente, já o tenha feito.

The interdiscursivity and subjectivation proposals in writing the ENEM

***Abstract:** This study aimed to identify the form of interdiscourse and subjectivation in proposal of 2001 in writing Enem (National High School Exam). The utterances produced in thematic exhibit interdiscursivity and intertextuality and are subjectivity concrete situations resultant of the social, historical and political. The student is limited in his creativity, because the texts bases are inserted into an ideology. Accordingly the student becomes, therefore, a reproducer speeches since the reasoning applied to the test directs such.*

***Keywords:** Interdiscursivity. Intertextuality. Subjectivation. Discourse.*

Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). **Caderno de Estudos Linguísticos 19**. Campinas: IEL, 1990.

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M.M. **Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos**./ org. por Ana Zandwais. Porto Alegre. Editora Sagra Luzzatto, 2005.

BAUER, Martin; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BENWELL, Bethan, STOKOE, Elizabeth, Theorising Discourse and Identity. In: **Discourse and Identity**. Edinburgh University Press, 2006.

DISCINI, Norma. A noção de texto. In. **A comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 31-58.

FIORIN, J.L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: Brait, B. (org.) **Bakhtin** – Outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

INDURSKY, Freda. **Lula lá: estrutura e acontecimento**. Organon, 35. Porto alegre: Universidade Federal do RS, 2005, p. 102.

KOCH, I. Discurso e argumentação. In. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2000, p. 13-20.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – INEP - **A Redação no Enem 2012** – Guia do participante.

ORLANDI, Eni. P. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001, p. 19-29 – 99-109.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995 [1975].

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. **A Propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas** (1975). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Péricles Cunha. Campinas: Unicamp, 1997, pp 163-235.

PUGLISI, M.L.; FRANCO, B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

SCHIFFRIN, Deborah. From linguistic reference to social reality. In.: DE FINA, Anna, SCHIFFRIN, Deborah, BAMBERG, Michel. **Discourse and Identity**. Cambridge: Cambridge University, 2008. P. 103-113.

THOMPSON, B. John, **Ideologia e cultura moderna** – Teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. 4ª ed. Petrópolis: 2000.